

LINGUASAGEM

Roberto Remígio Florêncio (UFBA)¹

Aula no cinema: entre suspenses e romances

Petrolina sempre teve cinema. Pelo menos, em cinquenta anos vividos na cidade, eu convivi com o Cine Petrolina e o Cine Massangano, que, além de filmes noturnos e matinês lotadas de crianças a encher suas imensas salas de alegria e pipoca, eram também espaços de shows e programas de rádio, principais eventos da vida cultural da cidade nos idos de 1980. A sessão de um filme em tela grande, com som estéreo, ainda que não fosse acessível à grande parte da população, era uma tecnologia e uma diversão consolidadas na região. O mais antigo cine da região, o São Francisco, na vizinha Juazeiro – Bahia, foi inaugurado na década de 1950. Até que veio a fase da afronta cultural: as salas foram se fechando para dar lugar a outros tipos de empreendimentos. No histórico edifício modernista do Cine São Francisco, passou a funcionar uma loja de produtos importados; no prédio do Cine Petrolina, foi instalada uma igreja neopentecostal; e o espaço do Cine Massangano transformou-se em centro cultural de uma escola da rede privada. Alavancada por essas mudanças mercadológicas, chegou a onda das confortáveis salas dos shoppings centers, o que promoveu a renovação do circuito consumidor, bem como a perda do charme de outrora em relação à Sétima Arte. Analisar esse processo é assunto para outro espaço e momento. O que eu pretendo com essas informações preliminares é dizer que, para mim, “assistir a filmes”, ainda que fosse em espaços marcados pelo consumismo dos centros comerciais, parecia se tratar de uma programação casual na vida das famílias da cidade, que, ainda no final do século XX, havia se transformado em um importante centro do agronegócio nacional.

Daí, começam as minhas surpresas: dos alunos das duas turmas do PROEJA Agroindústria, que funcionavam no horário noturno entre os anos de 2018 e 2019, do campus Petrolina Zona Rural do IF Sertão Pernambucano, nenhum deles havia entrado em um cinema. Eram, ao todo 16 estudantes, 7 do 3º ano e 9 do 2º, com características

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: betoremigio@yahoo.com.br

bastante díspares: idades entre 18 a 60 anos; trabalhadores rurais, comerciantes, donas de casa e desempregados; casados, solteiros, separados, mas todos moradores da zona rural ou de pequenas cidades da área de abrangência da Região Integrada de Desenvolvimento Econômico (RIDE) do bipolo Petrolina-Juazeiro. Entre eles, existia um casal, cuja filha também era aluna e fazia parte do trio de mocinhas casadouras a frequentar o curso.

No componente curricular de Língua Portuguesa, em que o professor é convidado a apresentar um olhar interdisciplinar que envolve as habilidades de produção textual, a normatização da língua padrão, o espírito artístico da literatura e o onipotente olhar crítico das interpretações textuais, eis que surgiu a possibilidade de construirmos conhecimentos e habilidades a partir da experiência de ler, no caso assistir, um texto multifacetado: um filme no cinema! Então, a proposta de assistirmos à sessão no cine do shopping, depois de um pequeno desconforto advindo do receio da novidade, gerou uma grande excitação. Todos passaram a querer conhecer o cinema. Como professor, no exercício laboral dos gêneros textuais técnicos (resumo, resenha, síntese) e com a necessidade de abordar elementos da Literatura Brasileira, eu teria a oportunidade também de aprofundar temas como as tecnologias, a história do cinema e a participação desse elemento na construção cultural. Na escolha da sessão noturna, a única possível, as opções sugeridas em aula eram de comédia ou ação. Mas, uma das salas do cinema, naquele dia, promoveria uma sessão especial de “*O auto da compadecida*”, em homenagem aos 90 anos do escritor Ariano Suassuna, ícone da literatura regional. Portanto, a escolha foi facilitada.

No repertório da sessão, que prometia muitas gargalhadas e uma boa dose de cultura popular, foi o comportamento dos estudantes que me marcou. Eles se mostravam deslumbrados: assistiam a todos os lances da história, riam e se assustavam nos momentos devidos, emocionavam-se, torciam, comiam avidamente a pipoca até o aplauso no instante final. No entanto, o comportamento de uma aluna me chamou a atenção. Era a Lurdinha, a filha do casal que estudava na mesma sala. Eles eram demasiado humildes. Moravam a uma distância de 25 quilômetros da estrada de onde pegavam o transporte até o campus, também distante 25 quilômetros da cidade. Eram agricultores e cultivavam apenas para subsistência em seu pequeno lote, onde se mantinham firmes, rodeados de grandes fazendas irrigadas e latifundiários de imensas áreas de sequeiro. A vida no interior do sertão semiárido, sem o amparo do poder

público nem acesso à água por meio de canais de irrigação, não era fácil. As estiagens são longas e a produção agropecuária fica comprometida.

Lurdinha era a filha caçula do casal. Os irmãos migraram para a cidade grande em busca de melhores condições de vida. Ela ficou, pela timidez ou pela responsabilidade de cuidar dos pais idosos. A menina tímida praticamente não assistiu ao filme, olhava tudo ao redor, imaginava os rostos das pessoas no escuro da sala, corria os dedos pelo estofado das poltronas, imaginava a produção do som estéreo que saía pelas invisíveis caixas de som, roçava o pé descalço pelo carpete macio. Os olhos brilhosos iluminavam a minha satisfação em ter proporcionado aquela experiência. Era de fato encantadora uma sessão de cinema. Era compensador oferecer ao seu aluno momentos de aprendizagem tão significativos, de êxtase em construir conhecimentos, sonhar, *devir*.

Na aula seguinte, os comentários da experiência vivida versavam sobre o deleite que foi assistir a um filme tão intenso, cheio de aventura e comédia, em um espaço tão grandioso e confortável como aquele. O enredo pôde ser trabalhado como exemplo de narrativa, assim como pudemos evidenciar questões relativas à produção de resumos e resenhas, além do estudo literário da obra original. A excitação dos alunos em contar a história e falar da experiência era comum. Mas Lurdinha não conseguiu elaborar seu texto. Ao fim das aulas daquele dia, já no ponto do ônibus, com muito jeito, eu perguntei a ela porque não conseguira escrever seu resumo. Ela, disfarçadamente, me chamou a um canto e confessou: “Professor, eu não consegui prestar atenção ao filme. Eu estava encantada demais com o cinema”. “Tudo bem, isso é normal, era a primeira vez que você estava num cinema”, tentei consolar. “Não, professor. Eu já tinha ido”. Esta informação causou em mim extrema admiração: como assim? “Eu fui com uma pessoa, professor. Ele escolheu um suspense, mas naquele escuro, foi só romance, professor.” Por isso ela olhava tanto para as pessoas, queria certificar-se de que não poderia ser vista na escuridão da sala. “Ah, então você está namorando escondido, heim?”, tentei brincar. “Não, professor, era apenas um *crush*”.

O ônibus chegou nessa hora.

Submetido em: 28 de janeiro de 2022.

Aprovado em: 01 de setembro de 2022.

Como referenciar este artigo:

FLORENCIO, Roberto Remígio. Aula no cinema: entre suspenses e romances
revista Linguagem, São Carlos, v.42, n.1. 2022 p. 01-04.